

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

CARINA APARECIDA LEITE

**EDUCOMUNICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR MUNICIPAL DE SÃO PAULO:  
PERSPECTIVAS DOCENTES**

São Paulo

2019

CARINA APARECIDA LEITE

**EDUCOMUNICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR MUNICIPAL DE SÃO PAULO:  
PERSPECTIVAS DOCENTES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Especialista em Gestão de Projetos Culturais

Orientador: Profa. Dra. Neide Tomiko Takahashi

São Paulo

2019

## RESUMO

Diante do respaldo legal do município de São Paulo que subsidia projetos e ações ligadas às práticas educomunicativas nas escolas municipais, considerando-se também a presença e influência midiática na vida cotidiana, este artigo pauta-se na discussão da importância da interface entre educação e comunicação no ambiente escolar concomitantemente à análise das perspectivas de docentes que atuam na informática educativa e com o projeto denominado *imprensa jovem* em unidades escolares municipais da região noroeste.

Palavras-chave: Educomunicação. Docência. Escola. Tecnologias da informação e comunicação. Direitos de aprendizagem.

## **ABSTRACT**

In view of the legal support of the municipality of São Paulo, which subsidizes projects and actions related to educommunication practices in municipal schools, also considering the presence and influence of media in everyday life, this article is based on the discussion of the importance of the interface between education and communication in the school environment concomitantly the analysis of the perspectives of teachers who work in educational computing and with the project denominated young press in municipal school units of the northwest region.

Key words: Educommunication. Teaching. School. Information and communication technologies. Learning rights

## **RESUMEN**

Ante el respaldo legal del municipio de São Paulo que subsidia proyectos y acciones ligadas a las prácticas educomunicativas en las escuelas municipales, considerando también la presencia e influencia mediática en la vida cotidiana, este artículo se pauta en la discusión de la importancia de la interfaz entre educación y comunicación en el ambiente escolar concomitantemente el análisis de las perspectivas de docentes que actúan en la informática educativa y con el proyecto denominado prensa joven en unidades escolares municipales de la región noroeste.

Palabras clave: Educomunicación. Enseñanza. La escuela. Tecnologías de la información y comunicación. Derechos de aprendizaje

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>2 APROXIMAÇÃO ENTRE OS CAMPOS DA EDUCAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>3 MÍDIA, CULTURA E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>4 EDUCOMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS.....</b>	<b>12</b>
<b>5 AS PERSPECTIVAS DOCENTES NAS ESCOLAS MUNICIPAIS NA REGIÃO NOROESTE DE SÃO PAULO.....</b>	<b>15</b>
<b>5.1 Tempo de exercício e motivações.....</b>	<b>17</b>
<b>5.2 A importância dos meios de comunicação, das tecnologias da informação e das práticas educacionais no ambiente escolar.....</b>	<b>17</b>
<b>5.3 Formação continuada e demandas do cotidiano escolar.....</b>	<b>19</b>
<b>5.4 O espaço e tempo direcionados às práticas educacionais na escola..</b>	<b>20</b>
<b>5.5 Os avanços e desafios na efetivação dos direitos de aprendizagem relacionados à educação na escola.....</b>	<b>21</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>
<b>APÊNDICE – Entrevistas.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As mídias contemporâneas demonstram exercer uma grande influência nos cenários culturais, políticos e, principalmente, econômicos de várias sociedades ocidentais ou em vias de ocidentalização.

A premissa sócio-histórica de que conhecimento e poder estabelecem relações profundas de interdependência reitera a problemática do desconhecimento da maioria da população de como se operam os mecanismos midiáticos comunicacionais, como se constroem e propagam narrativas sedutoras que incidem nos processos de construção das subjetividades, culminando nas rápidas e contínuas reorganizações das dinâmicas sociais.

No ambiente escolar público do município de São Paulo, os discursos veiculados em vários canais midiáticos detêm grande audiência, conferindo a esses meios força de propagação e afetação, interferindo tanto nas escolhas dos modos de pensar como nos comportamentos dos diversos sujeitos presentes nas unidades escolares: alunos, comunidade e funcionários.

No entanto, o espaço direcionado para pensar, problematizar e colocar-se em posição de analista de discursos, ideias e tendências advindas da mídia – assim como o incentivo e promoção ao protagonismo infanto-juvenil escolar na elaboração, produção e disseminação de ideias, pensamentos, bens culturais e simbólicos –, utilizando-se das linguagens presentes no aparato midiático, apresenta-se no ambiente escolar como paliativo enriquecedor do currículo, sem a obrigatoriedade e força proporcional conferida aos componentes curriculares vigentes ao Ensino Fundamental I e II. As demandas inerentes ao processo de alfabetização crítica dos códigos comunicacionais midiáticos no ambiente escolar público necessitam de análises e problematizações que têm sido objeto de discussão em profundidade da área de conhecimento denominada como educomunicação.

Partindo desse contexto, este estudo pretende discutir a necessidade e validade da educação para leitura crítica e usufruto consciente da mídia e das tecnologias da informação como meio de prover leituras mais proficientes dos códigos comunicacionais midiáticos. Elencou-se, para tanto, elementos sobre mídia, comunicação e educação, uma vez que é perceptível a força discursiva, psicológica, emocional, cultural, econômica e política exercida pelo aparato midiático no comportamento social e na construção das subjetividades. Diante da presença da

mídia no cotidiano das pessoas, justifica-se a importância de se ponderar o alcance e as influências midiáticas exercidas nas sociedades ocidentalizadas, assim como pensar na escola pública, no seu papel formativo e nos desafios e possibilidades de atuação didático-pedagógicas direcionadas à promoção educacional significativa, crítica e emancipadora frente a esse panorama.

Nesse sentido, busca-se compreender a perspectiva de professores da região noroeste do município de São Paulo que trabalham na informática educativa e no Projeto Imprensa Jovem ao se depararem com o alcance e influência do corpo midiático, juntamente com seu arsenal tecnológico, na formação dos sujeitos, bem como quais os possíveis meios que acreditam ser cruciais para garantia dos direitos de aprendizagem dos discentes considerando as dinâmicas midiáticas, a valorização dos envolvidos no processo de escolarização e o incentivo ao protagonismo juvenil.

Atuo como docente da rede municipal de ensino na área de Artes e no Ensino Fundamental I (professora polivalente) na região noroeste da cidade. Enquanto educadora, a questão das tecnologias da informação e a influência midiática na vida dos educandos suscitou essa busca por maior entendimento, compreensão e elucidação da temática. Objetivando investigar os aspectos apresentados, esta pesquisa, de caráter qualitativo, buscou articular, primeiramente, discussões teóricas sobre a mídia e o campo educacional. Num segundo momento, sem desconsiderar as políticas públicas desenvolvidas para implementação de práticas educacionais na rede municipal de ensino de São Paulo, foi feita uma coleta de dados por meio da técnica de entrevistas, com professores de cinco escolas, todas pertencentes à Diretoria Regional de Ensino Pirituba/Jaraguá, a fim de verificar como entendem a influência da mídia em relação aos estudantes, além da importância e relevância que atribuem às práticas educacionais nas suas respectivas unidades de exercício.

O intuito das entrevistas é obter dos professores informações relevantes sobre como a educação tem se configurado no cotidiano escolar. Busca-se, dessa forma, identificar quais aspectos os professores consideram como avanços ou retrocessos em relação à qualidade de ensino na rede, no que tange o universo midiático que compreende as tecnologias da informação e comunicação voltadas à educação.

## 2 APROXIMAÇÃO ENTRE OS CAMPOS DA EDUCAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

A educomunicação, como sugere a configuração uma dos termos “educação” e “comunicação”, é uma área de conhecimento convergente e transdisciplinar que busca responder ao atual paradigma contraditório e complementar entre essas duas áreas de grande relevância social.

Esse paradigma é, por um lado, contraditório uma vez que a educação pública brasileira atualmente ainda apresenta elementos e práticas arcaicas calcadas na reprodução de conteúdos que, por sua vez, serão mensurados por diversas avaliações igualmente quantitativas, preocupadas com o “rendimento” *per capita* (por cabeça) de alunos e alunas. Já a comunicação vinculada à indústria cultural, mesmo frente ao avanço vertiginoso da internet e redes sociais, faz um outro percurso facetado como inovador, veloz e flexível na pretensão de manter de suas audiências, prezando também a manutenção dos lucros, do controle social e da hegemonia por meio das novidades reeditadas.

Por outro lado, é também complementar no que tange a natureza comunicacional intimamente ligada ao uso de linguagens. Tanto a educação quanto a comunicação articulam-se no eixo “linguagens” para dinamizarem-se e tornarem-se possíveis. Segundo Ismar de Oliveira Soares,

A educação, representando o tempo do pensamento lógico, seriado, geométrico, basicamente livresco (identificada com a era fordista), estaria, pois, em crise. Já a instituição denominada comunicação de massa, consolidando um pensamento fragmentado e uma cultura aleatória, essencialmente audiovisual, estaria em alta no imaginário social. A comunicação de massa representaria o eixo que atravessa as novas condições da sociedade de pensar e organizar. (SOARES, 2011, p. 16).

As relações entre educação e comunicação tiveram início na América Latina em meados da década de 1960, ganhando força a partir de 1970 – período marcado pelo avanço dos regimes militares nos países latino-americanos. Alguns dos pensadores de maior destaque nesse período foram Paulo Freire, na educação, e Mario Kaplún, na comunicação de caráter educativo, ambos ligados a movimentos sociais populares. O principal aspecto em discussão nessa fase emergencial da educomunicação relacionava-se aos impactos gerados pela “invasão cultural” em voga sobre os países periféricos latino-americanos, processo de dominação de ordem cultural e econômica cujo pivô eram os Estados Unidos.

Paulo Freire (2005), pensador da educação vinculado à defesa da educação popular crítica, libertadora e humanista, defendia que a alfabetização era um processo de apropriação da língua materna e que não devia ser considerada somente nos aspectos gramaticais, morfosintáticos e utilitaristas, mas numa perspectiva amplificada e ampliadora que contemplasse o uso social, cultural e político da língua, contribuindo para leituras de mundo autônomas, críticas e libertadoras frente discursos e práticas que pretendem-se hegemônicas e mantenedoras das desigualdades socioeconômicas.

Em seu livro *Extensão ou Comunicação* (1983), Freire discute a invasão cultural ao diferenciar conceitual e filosoficamente os termos que nomeiam seu escrito. Problematizando a distância entre a limitação da “extensão agrícola” quanto a importância do trabalho do “agrônomo-educador”, Freire pondera de forma questionadora que

Na medida em que, no termo extensão, está implícita a ação de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém, ressalta, nele, uma conotação indiscutivelmente mecanicista. Mas, como este algo que está sendo levado, transmitido, transferido (para ser, em última instância, depositado em alguém – que são os camponeses) é um conjunto de procedimentos técnicos, que implicam em conhecimento, que são conhecimento, se impõem as perguntas: será o ato de conhecer aquele através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe pacientemente um conteúdo de outro? Pode este conteúdo, que é conhecimento de, ser “tratado” como se fosse algo estático? Estará ou não submetendo o conhecimento a condicionamentos histórico-sociológicos? Se a pura tomada de consciência das coisas não constitui ainda um “saber cabal”, já que pertence à esfera da mera opinião (doxa), como enfrentar a superação desta esfera por aquela em que as coisas são desveladas e se atinge a razão das mesmas? (FREIRE, 1983, p. 15)

Esta perspectiva desvela a visão de mundo do autor quanto às dinâmicas de construção do conhecimento, que só se torna significativo quando não tratado de maneira passiva, por mera extensão, transposição, transmissão. É nesse panorama que a educação, intrinsecamente ligada ao ato de comunicar – que não é, no entendimento de Freire, o mesmo que transmitir pontual e descontextualizadamente uma informação –, busca ser compreendida atualmente dentro do campo da educomunicação.

Mario Kaplún, teórico advindo da comunicação social com vasto conhecimento e experiência na estrutura e produção televisiva de cunho comercial, explana sobre como a força discursiva dos meios de comunicação pode persuadir

incisivamente as pessoas, influenciando pensamentos, sentimentos e comportamentos. Diante dessas considerações Kaplún propõe o trabalho de *leitura crítica dos meios de comunicação* como possibilidade de expansão da percepção crítica dos sujeitos frente ao poder do discurso de massa de forte apelo comercial, utilizando para isso métodos e procedimentos de apropriação desses meios pela população, de modo a produzir conteúdos comunicáveis afim de desenvolver competências comunicativas.

Conforme Simone Bortoliero (2005), em seu artigo “Kaplún, educador: biografia de um visionário”, a aproximação e dinâmica necessária entre educação e comunicação, para Kaplún, tinha forte conotação social de vertente humanista uma vez que devia se alicerçar no diálogo, na ajuda mútua e solidária entre os sujeitos, na valorização de todos os envolvidos, nos processos de construção indelimitadas e na busca pela viabilização da democratização comunicacional. Baseando-se nas perspectivas de Celestin Freinet e Paulo Freire, Kaplún afirma que

En todas las experiencias de educación popular, esta práctica de la expresión se ha revelado siempre como un motor del crecimiento y la transformación de los educandos. El participante que, rompiendo esa dilatada cultura del silencio que le ha sido impuesta, pasa a «decir su palabra» y construir su propio mensaje —sea un texto escrito, una canción, un dibujo, una obra de teatro, un títere, un mensaje de audio, un vídeo, etcétera— en ese acto de producción expresiva se encuentra consigo mismo, adquiere (o recobra) su autoestima y da un salto cualitativo en su proceso de formación. (KAPLUN, 2002, p. 209)

Ao destacar a importância de questões socioeconômicas e culturais no processo educativo, criticando estruturas mecanicistas e antidialógicas de ensino, Kaplún defende a educação para utilização crítica e autônoma dos meios de comunicação. Dentre suas propostas está o método de leitura crítica dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação que, na época, atrelava-se com maior ênfase à radiodifusão. Essa prática de leitura crítica demandava um trabalho processual ativo, quebrando com a lógica unidirecional entre emissor e receptor, posto que exigia a participação de todos quanto ao processo de construção e disseminação dos conteúdos, sendo insuficiente o mero acesso às informações.

Alinhado a esses preceitos, Kaplún desenvolve o método do *cassete-fórum* que consistia no diálogo de cunho formativo dos setores populares para produção e disseminação de conteúdos utilizando-se da radiodifusão para capacitar e integrar os participantes, colaborando para elevação da autoestima comunitária e no

fortalecimento da participação efetiva das camadas populares que ansiavam a construção de um novo modelo comunicacional mais democrático.

Evidenciando-se a proximidade entre o pensamento de Freire e Kaplún, Ismar de Oliveira Soares (2011, p. 23) constata que “os dois educadores – Freire e Kaplun – vinculam os espaços do contexto sociocultural, da comunicação e da educação como uma relação, não como uma área que deva ter seu objeto disputado”.

Logo, a área da educomunicação segue ampliando e diversificando seu aporte teórico, criando novas ramificações que tencionam problematizar demandas emergentes na busca de elucidação de temas como a dinâmica das audiências, a recepção midiática, a interferência na dimensão subjetiva e identitária, a dinâmica perceptiva das audiências, a mediação comunicacional contemporânea e as possibilidades de mediação de caráter educativo, dentre outras inúmeras possibilidades.

### 3 MÍDIA, CULTURA E EDUCAÇÃO

De acordo com Muniz Sodré (2009), na contemporaneidade as sociedades ocidentais se apresentam em sua dimensão midiaticizada. Na concepção do autor, que se utiliza das premissas filosóficas de Aristóteles na classificação das formas de vida (*bios theorétikos*, *bios politikos* e *bios apolaustikos*), o fenômeno midiático na sociedade configura-se, assim, em um novo *bios*: o *bios virtual*, a vida em sua dimensão midiaticizada.

Nessa perspectiva, a mídia, por meio de seus aparatos tecnológicos e sua força discursiva – de teor e capacidade de influência emocional, psicológica, elucubrador de ideias, padrões, modos de ser e estar –, incide na construção de imaginários sedutores e atrativos, utilizando jogos simbólicos muito elaborados, mais preocupados com a rentabilidade resultante de seu exercício do que, efetivamente, com a emancipação dos sujeitos (MORAES, 2006).

A força midiática nas sociedades ocidentais dinamiza-se com o avanço da globalização. Milton Santos – que analisa e reflete sobre como o processo de globalização, através do discurso de cunho hegemônico, quer ser entendido de maneira amena; sobre como, de fato, a globalização se configura de modo agressivo e competitivo na sociedade contemporânea e, ainda, como a globalização poderia vir a configurar-se de modo mais humanizado – ressalva o papel estratégico da gestão da informação para o fortalecimento e legitimação da globalização. Segundo o autor,

Entre os fatores constitutivos da globalização, em seu caráter perverso atual, encontram-se a forma como a informação é ofertada à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social. São duas violências centrais, alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos – isto é, dos globalitarismos – a que estamos assistindo. (SANTOS, 2001, p. 38)

Contudo, essa sedutora ludicidade presente na mídia, na qual residem discursos e conceitos nem sempre declarados quanto às intencionalidades que lhe são inerentes, quando não problematizada pelos sujeitos sociais, mais especificamente os sujeitos que habitam o ambiente escolar, podem favorecer o fortalecimento de tendências comportamentais que corroborem a alienação e

reificação de pensamentos, sentimentos e ações além das formas de ser e estar no mundo. Essas influências – presentes nos produtos e serviços voltados ao entretenimento, publicidade, jornalismo, entre outras esferas inerentes à mídia – podem ajudar, por sua vez, a facilitar o processo de edificação hegemônica da lógica do capital como expressivo propositor das dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas.

Considerando que os mecanismos midiáticos tecem enredos e narrativas que encontram grande receptividade e conjugam demandas da vida cotidiana por parte dos sujeitos que se utilizam desses meios virtuais de comunicação, entretenimento, interação e formação, e reiterando também que a escola é um espaço de relações e interações que não está alheia ao que afeta a sociedade, algumas questões emergentes para elaboração deste artigo são:

- a) Qual a importância dos meios de comunicação, das tecnologias da informação e das práticas educacionais no ambiente escolar?
- b) O espaço e tempo direcionado às práticas educacionais na escola são adequados às necessidades de discentes e docentes?
- c) As formações continuadas ofertadas pela rede municipal de São Paulo relacionadas à educação suprem as demandas do cotidiano escolar?
- d) Quais os avanços e desafios na efetivação dos direitos de aprendizagem relacionados à educação na escola?

Conforme considerações advindas do emergente campo das neurociências aplicadas à educação (COSENZA & GUERRA, 2011), o ser humano aprende por meio de afetações, quando arrebatado pela afetividade, ligada ao vasto campo das emoções. Assim, sem emoção, não há aprendizagem.

Paulo Freire (2005) fala da educação bancária enquanto educação antidialógica, transferidora de saberes, depositária e legitimadora dos discursos que se pretendem hegemônicos e forçosamente conciliadores das classes sociais ao jugo dos donos do poder econômico. Esse tipo de educação bancária desconsidera processos de construção de conhecimento, tratando os sujeitos como meros receptáculos passivos de conteúdos.

Freire (2005) também observa os processos discursivos ideológicos que a educação bancária tem sobre os sujeitos: o processo de interiorização e

identificação com a lógica opressora por parte dos oprimidos. Para o autor, quando exposto a situações contínuas e ininterruptas de opressão, há uma grande tendência normatizadora que faz o oprimido assimilar a figura de seu opressor como algo natural, adequado e legítimo. Desse modo, somente quando aquele se torna consciente dessa situação há reais possibilidades de superação da condição de oprimido.

O dialogismo, o sujeito como construtor ativo do conhecimento, crítico e solidário, valorizado no seu direito de ser mais, visto como sujeito histórico de aguçada curiosidade epistemológica, são caminhos pelos quais Freire (2005) acreditava ser possível a superação da lógica opressora. Essa perspectiva relaciona-se com processos de valorização das pessoas, interferindo na esfera afetiva, posto que incide no fortalecimento da autoestima dos sujeitos.

Assim, pensar nos processos de aprendizagem atualmente, considerando a dimensão afetiva da aquisição de conhecimento segundo a perspectiva neurocientífica e a dimensão política conscientizadora freiriana, implica a busca por compreender como as mídias afetam emocional, psicológica e comportamentalmente a vida de crianças, adolescentes e adultos.

Frente a esses dilemas, a educomunicação discute a necessidade de pensar a educação, a comunicação contemporânea e todo o aparato midiático fortemente presente no cotidiano das pessoas para além da relação unidirecional entre emissores midiáticos e seus receptores, pois, caso contrário, esta visão corrobora para construção de audiências atreladas ao caráter puramente mercadológico e tecnológico instrumental no uso social dos meios de interação midiática, que se multiplicam sem que, no entanto, isso signifique apropriação consciente, responsável e cidadã desses meios.

#### 4 EDUCOMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS

Em 2001, por meio da implementação do projeto *EDUCOM.Rádio* – concebido através da parceria do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo e do projeto Vida, que ofertou o curso “Educomunicação pelas ondas do rádio” a professores, alunos e membros das comunidades educativas das escolas da cidade –, inicia-se a trajetória da educomunicação no município de São Paulo.

Contudo, a educomunicação começa a ser pensada como política pública em 28 de dezembro de 2004, pela Lei 13.941, no final do mandato da então prefeita Marta Suplicy, ficando conhecida como Lei Educom – educomunicação pelas ondas do rádio.

No corpo desta Lei, há o reconhecimento da educomunicação como área de conhecimento promotora de processos formativos voltados ao planejamento, construção, produção e disseminação de conteúdos e informações utilizando-se dos meios comunicacionais como rádio, tv, internet e mídias sociais. Dentre os principais objetivos presentes na lei está a implementação de ações que objetivam avançar em direção à democratização comunicacional nos espaços escolares e de cultura.

Todavia, a lei é sancionada em 15 de agosto de 2005, quando José Serra era prefeito de São Paulo, por meio do decreto nº 46.211. Segundo o decreto, entende-se por educomunicação:

Art. 2º. Para os fins deste decreto, considera-se educomunicação a inter-relação entre processos e tecnologias da informação e da comunicação e as demais áreas do conhecimento e da vida social, ampliando as habilidades e competências e envolvendo diversas linguagens e formas de expressão para a construção da cidadania. (Decreto nº 46.211 municipal, de 15 de agosto de 2005).

O professor Ismar de Oliveira Soares<sup>1</sup> prestou assessoria tanto no projeto de lei, de autoria do, na época vereador e hoje deputado, Carlos Neder, quanto em sua regulamentação. No mesmo ano, cria-se o Projeto Imprensa Jovem.

---

<sup>1</sup> Ismar de Oliveira Soares é, atualmente, professor Titular Sênior da Universidade de São Paulo. Foi coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) de 1996 a 2014. Promoveu, entre 2001 e 2004, o Projeto Educom.rádio, que proporcionou a formação de 11 mil professores e alunos da rede municipal de ensino de São Paulo, para o uso educacional das linguagens midiáticas no espaço escolar.

Em 2009, a Secretaria Municipal de Educação do município institui a portaria nº 5.792, que tem por intuito a sistematização do desenvolvimento de projetos de viés educ comunicativo nas escolas da Rede Municipal, definindo normas complementares e procedimentos para a implementação do Programa nas Ondas do Rádio.

Já em 2016, em meio ao processo de reorganização administrativa da rede municipal de ensino, dá-se a criação do Núcleo de Educomunicação, setor integrado à Coordenadoria Pedagógica (COPED) da Secretaria Municipal de Educação. No mesmo ano, a portaria nº 7.991 apresenta o Programa Imprensa Jovem, que almeja sistematizar procedimentos de cunho pedagógico voltados à possibilidade de implementação de agências de notícias com alunos do Ensino Fundamental II – ciclo interdisciplinar e ciclo autoral<sup>2</sup>.

Atualmente, Ismar de Oliveira Soares (2018) dispõe sobre a educomunicação enquanto novo paradigma discursivo transversal e transdisciplinar no que tange a seus conceitos constitutivos. O autor também discute as atuais mudanças polêmicas nos parâmetros curriculares que culminaram na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), em meio a posicionamentos inflamados a favor e contra sua implementação, focando em quais possibilidades e perspectivas se abrem quanto à educomunicação nessa nova base curricular.

Por meio de revisão bibliográfica concomitante a entrevistas com professores orientadores da sala de informática e professores orientadores do projeto institucional denominado Imprensa Jovem, em cinco escolas municipais de Ensino Fundamental (EMEF) paulistanas – EMEF Doutor José Kauffmann, EMEF Paulo Prado, EMEF Professora Marili Dias, EMEF Professora Milena Benedicto e EMEF Professora Philó Gonçalves dos Santos –, pretende-se ampliar a compreensão das tecnologias da informação e das dinâmicas midiáticas na vida dos sujeitos presentes nesses ambientes escolares, ao passo que se busca entender como podem se configurar processos educativos, em uma perspectiva crítica, dos códigos comunicacionais e ideológicos das mídias na escola, respaldando-se na perspectiva educ comunicativa e nas leis municipais que instituíram medidas educativas voltadas

---

<sup>2</sup> A rede municipal de São Paulo, por meio do Programa Mais Educação São Paulo - Programa de Reorganização Curricular e Administrativa para ampliação e fortalecimento da rede municipal de São Paulo (Decreto nº 54452, de 10 de outubro de 2013) –, reorganizou os níveis de Ensino Fundamental em três ciclos: ciclo de alfabetização – do 1º ao 3º ano; ciclo interdisciplinar – do 4º ao 6º ano; ciclo autoral – do 7º ao 9º ano.

à educação e tecnologia por meio do projeto Mais Educação e das leis municipais voltadas à esfera educacional. As escolas cujos docentes foram entrevistados estão localizadas na região periférica noroeste de São Paulo, nos bairros Morro Doce (três escolas), Perus (uma escola) e Taipas (uma escola).

Por meio do levantamento dos relatos docentes das ações dinamizadas no espaço das unidades de ensino citadas e do exercício teórico-reflexivo das considerações suscitadas no campo da educomunicação que se inter-relacionam com a cultura da mídia, busca-se delinear ainda, neste estudo, considerações que ajudem na compreensão da relevância de rediscutir processos de aprendizagem e alfabetização para construção de leituras críticas, proficientes e desmistificadas do aparato midiático contemporâneo, dos seus usos, linguagens e narrativas.

## 5 AS PERSPECTIVAS DOCENTES NAS ESCOLAS MUNICIPAIS NA REGIÃO NOROESTE DE SÃO PAULO

Neste capítulo, propõe-se correlacionar os aspectos educacionais almejados com a formação e ação docentes dentro do espaço escolar municipal de São Paulo. Suyanne Tolentino Souza (2018) afirma que

Ainda, a educomunicação permite a implementação de políticas de comunicação educativa de modo a desenvolver o acesso democrático à produção e difusão da informação, identificar como o mundo pode ser editado nos meios de comunicação, facilitar o processo de ensino-aprendizagem e promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa. (SOUZA, 2018, p. 95)

Com a análise das perspectivas dos docentes da área de informática educativa e do Projeto Imprensa Jovem almejou-se ampliar o entendimento do panorama da educomunicação, não somente do ponto de vista teórico mas, também, da perspectiva de quem já está em exercício no meio escolar, evidenciando quais os avanços e retrocessos, conquistas e carências, do ponto de vista docente. Com as entrevistas dos professores, buscou-se compreender a perspectiva da ação cotidiana, respeitando o lugar de fala desses profissionais e sua visão dos subsídios disponíveis no âmbito institucional, estrutural e pedagógico.

Ao todo, foram realizadas sete entrevistas. Dentre os profissionais entrevistados, cinco atuam como professores orientadores da informática educativa enquanto dois atuam como professores orientadores do projeto institucional Imprensa Jovem. Todos os docentes possuem formação acadêmica de nível superior em diferentes áreas: ciências biológicas, geografia, história, artes e pedagogia. Para melhor visualização do levantamento de dados organizou-se o seguinte quadro:

<b>Docentes</b>	<b>Formação acadêmica</b>	<b>Escola onde atua</b>	<b>Função exercida</b>	<b>Tempo de atuação na função</b>
Docente 1	Ciências Biológicas	EMEF Professora Philó Gonçalves dos Santos	Professor orientador de informática educativa	9 anos

Docente 2	Bacharelado em Geografia e Licenciaturas em Geografia e Pedagogia	EMEF Professora Marili Dias	Professor de Ens. Fundamental II e orientador da Imprensa Jovem	5 anos
Docente 3	Licenciatura em História	EMEF Professora Milena Benedicto	Professor orientador de informática educativa	6 anos
Docente 4	Licenciatura em Pedagogia	EMEF Professora Milena Benedicto	Professor orientador de informática educativa	5 anos
Docente 5	Graduação: Pedagogia e Pós Graduação em Psicopedagogia	EMEF Paulo Prado	Professor orientador de informática educativa	3 anos
Docente 6	Estudos Sociais - Geografia	EMEF Dr. José Kauffmann	Professor orientador de informática educativa	8 anos
Docente 7	Licenciatura em Arte - Teatro	EMEF Dr. José Kauffmann	Professora de Artes e orientador de informática educativa	8 meses

No município de São Paulo, o ingresso ao cargo de professor orientador de informática educativa acontece por meio da apresentação de projeto de ação de caráter educativo, por parte do professor aspirante ao cargo, para o conselho de escola, que tem o poder de validar a proposta como apta ou inapta, não sendo necessária nenhuma formação específica do professor proponente, a não ser a licenciatura em alguma área de conhecimento da grade curricular regular, previsto no BNCC (Base Nacional Curricular Comum). Já o projeto institucional denominado Imprensa Jovem, objetivando a ampliação da jornada escolar ao ser realizado no contraturno das aulas regulares, necessita somente do aval da gestão escolar para

sua realização, mediante aprovação do projeto apresentado pelo docente que almeja orientar o projeto, frisando que não se trata de um cargo.

### **5.1 Tempo de exercício e motivações**

Quanto ao tempo de atuação dos entrevistados com as tecnologias da informação e práticas educomunicativas nas unidades escolares, há variações. Nota-se que nenhum dos entrevistados possui formação acadêmica inicial ou continuada (graduação e pós-graduação) relacionada à comunicação e educomunicação. Logo, a formação desses profissionais está intimamente ligada à oferta de cursos de capacitação e formação em serviços disponíveis pela rede na qual trabalham, como veremos adiante.

Levando em consideração as inclinações que os levaram a optar por essas funções na escola, alegaram: afinidade com as tecnologias da informação; interesse na aquisição e ensino de novos conhecimentos na área tecnológica; flexibilidade da carga horária docente, que permite a conciliação do acúmulo de cargo com outra rede de ensino; incentivo ao protagonismo discente corroborando para formação de jovens com postura crítica diante das informações recebidas, instigados a se portarem como produtores de informações e conteúdos de qualidade; atendimento ao interesse dos estudantes quanto ao uso das mídias sociais; vislumbre do projeto Imprensa Jovem enquanto espaço de comunicação e expressão dos jovens.

Diante desse levantamento das inclinações, que levaram docentes a optar por trabalhar com as tecnologias da informação e comunicação, revelam-se tendências de caráter pessoal (da afinidade, uso e presença com as mídias), caráter funcional (adequação da carga horária) e caráter pedagógico relacionado a questões sociais e culturais (protagonismo juvenil promotor de cidadania). Esta última característica alinha-se com concepções educativas presentes tanto no pensamento de Paulo Freire quanto no pensamento de Mario Kaplún.

### **5.2 A importância dos meios de comunicação, das tecnologias da informação e das práticas educomunicativas no ambiente escolar**

Ao se questionar sobre qual a importância dos meios de comunicação, das tecnologias da informação e das práticas educomunicativas no ambiente escolar,

houve ponderações sobre os meios de comunicação como fonte de informações, referindo-se à escola como espaço que deve ensinar aos estudantes “[...] a lidar com as informações de maneira crítica e responsável, e não simplesmente como um espectador e compartilhador”. (APÊNDICE, docente 1, p. 28).

Em meio às declarações, discutiu-se que a prática educacional na escola “[...] representa uma alternativa a pasteurização da informação reproduzida em larga escala pela grande mídia [e] contribui incisivamente para que o jovem seja protagonista por meio do desenvolvimento de uma postura crítica e ativa no mundo” (APÊNDICE, docente 2, p. 28).

Reconheceu-se que o avanço do desenvolvimento humano teve grande contribuição das tecnologias da informação e comunicação sem, no entanto, isto significar que a evolução tecnológica e o acesso à informação sejam suficientes para o aluno quanto a “[...] uma busca de informações mais libertadora, [reiterando que] cabe à escola e suas práticas educacionais agir neste ponto para potencializar o uso destes novos recursos”. (APÊNDICE, docente 3, p. 28).

Pontuou-se que, dentre outros meios comunicacionais como rádio e televisão, a presença de maior incidência na escola é da utilização da internet e das redes sociais. Frente a isso, afirmou-se “[...] que se utilizadas com objetivos claros e integradas as disciplinas (sic) auxiliam e favorecem a aprendizagem no ambiente escolar”. (APÊNDICE, docente 4, p. 29).

Argumentou-se, também, que a educação, pensada enquanto processo formador de protagonismo e olhar crítico do educando, demanda que as

[...] práticas sejam de uma leitura social em suas diversas manifestações. A Comunicação em suas diferentes formas de se apresentar precisa ser tema que perpassa a prática e a reflexão tanto das leituras do que elas apresentam quanto das possibilidades de utiliza-las como recurso de Ensino Aprendizagem. (APÊNDICE, docente 5, p. 29).

Salientou-se, frente ao desenvolvimento pós-moderno e à crescente oferta de recursos tecnológicos digitais, que “[...] as práticas educacionais devem possibilitar a alfabetização crítica digital para favorecer a formação do indivíduo estudante e possibilitar a transformação social em prol de todos”. (APÊNDICE, docente 6, p. 29).

Enfatizou-se, dentre as falas, a importância da autonomia discente, assim como a promoção de “[...] novas formas de comunicação, pesquisa e diálogo que

possibilitam ao aluno aprender e desenvolver novas capacidades por meio de ferramentas que já são familiares a eles, como aplicativos e plataformas de vídeo como Youtube”. (APÊNDICE, docente 7, p. 29)

Evidencia-se nas falas dos docentes a intencionalidade do ato educativo, que, segundo grande parte das declarações, está ligado à importância do tratamento da informação, que necessita de cuidados e filtros analíticos subsidiados nos panoramas científicos, históricos, estéticos e socioculturais. Assim, os discentes se constroem como seres atuantes e assumam posturas “críticas e responsáveis”, para então possibilitar a quebra das lógicas popularizadas das audiências passivas e do compartilhamento irrefletido de informações nem sempre condizentes com os fatos. O ato educativo também pode levar a discussões quanto à grande proporção que têm tomado as *fake news* (notícias falsas, sem fontes seguras e idôneas, geralmente apelativas e sensacionalistas), levando-se em conta a gravidade de caráter moral, jurídico, social e político do fenômeno, devido à sua rápida disseminação e alcance.

### **5.3 Formação continuada e demandas do cotidiano escolar**

Quando questionados sobre as formações continuadas ofertadas pela rede municipal, relacionadas à área de educomunicação e sua relevância diante das demandas cotidianas da unidade escolar de exercício dos docentes, prevaleceu, nas respostas, uma insatisfação quanto ao acesso, denotando a disparidade entre demanda e número de vagas. Num dos pareceres relacionados à acessibilidade das formações, argumentou-se que a extensão da jornada docente, juntamente como o limitado número de vagas dos cursos, se configurariam como impedimentos que, por sua vez, dificultariam a formação docente satisfatória.

Ainda, entre os pareceres, denotou-se que as formações atendem parcialmente as necessidades diárias das escolas, [...] “haja visto [que,] proporcionalmente ao grau de enriquecimento que as TICS – tecnologias da informação e da comunicação – possibilitam para a educação, elas criam uma série de novos problemas para a sociedade.” (APÊNDICE, docente 3, p. 29). Também se discorreu sobre a carência relativa à área de tecnologias da informação, [...] já que o Projeto Educomunicação é muito mais amplo do que um laboratório de informática.

Assim, é necessário apoio técnico para efetivo trabalho para além dos computadores”. (APÊNDICE, docente 5, p. 30).

Em uma das considerações surgiu a questão de que a gestão governamental vigente incidiria negativamente na organização das formações, uma vez que, para o entrevistado, “[...] as formações estão atreladas às orientações do projeto político de plantão, o que, no meu entender, prejudica as prática educacionais”. (APÊNDICE, docente 6, p. 30)

Especificamente em duas das sete respostas, afirmou-se que as formações não supriam as demandas suscitadas na escola. Enquanto uma resposta respaldou-se no argumento da dificuldade do acesso, a outra justificou-se na distância entre o conteúdo de caráter técnico oferecido nas formações, contrário à organização da prática docente diária que, segundo o entrevistado, “[...] exige pesquisa e conhecimento por parte do professor-orientador”. (APÊNDICE, docente 7, p. 30).

Contudo, em algumas falas, verificou-se que as formações, quando acessadas, denotavam preocupação com a qualidade e relevância dos conteúdos apresentados e com a valorização das trocas de experiências entre os docentes participantes.

#### **5.4 O espaço e tempo direcionado às práticas educacionais na escola**

No que tange o espaço e tempo direcionados às práticas relacionadas às tecnologias da informação e da comunicação nas unidades escolares, prevaleceu, nos pronunciamentos, o juízo de parcialidade e dependência. A parcialidade foi mencionada devido ao espaço físico que fica à mercê da estrutura predial e da localização da unidade escolar que, de acordo com o expressado em uma das respostas, pode configurar-se num desafio para as escolas localizadas nas comunidades mais afastadas do centro da cidade, ditas periféricas, além da insuficiência de tempo e equipamentos adequados para o trabalho pedagógico.

Observou-se que, fora a única aula semanal de informática integrada à carga horária regular e as aulas direcionadas à Imprensa Jovem, realizadas no contraturno das aulas, a abordagem da esfera comunicacional nas demais disciplinas acontece de maneira pulverizada e pontual, quando acontece.

Também se abordou a questão da velocidade com que as mudanças e tendências tecnológicas operam quando se afirma que

As mudanças pelas quais a sociedade passou nestas últimas décadas foram muito intensas e desestabilizadoras no sentido de criar, sincronicamente, um sentimento de euforia e desespero. A escola, assim como tantas outras áreas da sociedade, tem dificuldade em acompanhar estes fenômenos. Tempo e espaço na escola são conceitos latentes que devem ser pensados e readequados para além da esfera educacional que, no momento, está aquém das necessidades educacionais. (APÊNDICE, docente 4, pp. 30-31).

### **5.5 Os avanços e desafios na efetivação dos direitos de aprendizagem relacionados à educomunicação na escola**

De acordo com os entrevistados, dentre os avanços ligados aos direitos de aprendizagem correlatos à educomunicação, o mais citado foi a existência de aulas de informática, a possibilidade de viabilização de projetos educacionais respaldados pela legislação municipal e as formações docentes disponibilizadas pelo município. Denotou-se o pioneirismo do município de São Paulo em garantir o acesso a ferramentas ligadas ao aparato tecnológico comunicacional, ainda que de maneira insuficiente na opinião de alguns dos docentes entrevistados, quando declarou-se que

[...] Os avanços tem sido as possibilidades de formação, porém o grande desafio tem sido a estrutura que se coloca a disposição na escola e também a organização de tempo na atuação direta dos professores no espaço escolar para efetivar os projetos de Educomunicação. Um outro avanço foi a discussão de um currículo para as Tecnologias da Aprendizagem, que contemplam parcialmente a comunicação também. (APÊNDICE - docente 5, p. 32).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar nas relações entre educação e comunicação implica um exercício teórico, reflexivo e prático que busque intervenções congruentes com as necessidades emergentes do espaço escolar, uma vez que os meios de comunicação têm afetado sobremaneira a vida em sociedade em todos os seus desdobramentos: econômico, social, cultural, político, ideológico, subjetivo, psicológico, dentre tantos outros.

A escola pública, mesmo sob a égide de tantos percalços estruturais e de carências de ordem socioeconômica, pedagógica e de recursos materiais, ainda se apresenta como espaço potencialmente articulador de perspectivas emancipatórias.

Para a docência, são inúmeros os desafios que se apresentam: formação inicial e continuada, pesquisa no exercício da prática docente, relações entre escola-sociedade e professor-aluno, espaço e tempo insuficientes, expectativas de aprendizagem, mudanças de ordem curricular, demandas gerais e específicas de cada escola e as políticas públicas que salvaguardam direitos e deveres são alguns dos dilemas enfrentados.

A realização da entrevista permite verificar a complexidade do tema que requer o contínuo e ininterrupto exercício de busca de garantias de direitos de aprendizagem em várias frentes: institucional (escola enquanto instituição) e sócio pedagógica (relação docente – discente, escola – comunidade, demandas sociais e direitos de aprendizagem).

Logo, evidencia-se a necessidade de ampliação da discussão, problematização e apropriação da temática midiática na escola com fins formativos que garantam, de modo efetivo, o direito à comunicação respondendo a dinâmicas contemporâneas. Ressalta-se também que, sem as políticas públicas e ações de conotação educacional atualmente em exercício, estaríamos muito aquém do que há efetivamente. A questão é como assegurar o que já foi conquistado sem perder em qualidade, ampliando e avançando para outros patamares.

Para tanto, demandas de diversos eixos reclamam espaço para manifestarem-se: a formação docente inicial e continuada dentro da perspectiva educacional; reavaliação das políticas públicas vigentes, melhoria e criação de mais políticas públicas que efetivem o direito à educação para leitura dos meios comunicacionais de modo mais igualitário a todas as regiões do município; a

discussão da educação integral de caráter qualitativo e quantitativo; a valorização de propostas educacionais para além das aulas dos especialistas; a representatividade da educação no currículo da cidade; a comunicação como um direito posto em exercício; Educação para entendimento do panorama comunicacional e midiático e ampliação de perspectivas e ações voltadas à cidadania.

## REFERÊNCIAS

BORTOLIERO, Simone T. Mário Kaplun: biografia de um visionário. In: MELO, José Marques de et al. (orgs.). **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco / Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

COSENZA, Ramon M. & GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende**, 1ª edição, Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação**. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KÁPLUN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación: el comunicador popular**. La Habana : Editorial Caminos, 2002.

MORAES, Dênis de. A tirania do Fugaz: Mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de (org). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SÃO PAULO. **Lei municipal nº 13.941**, de 28 de dezembro de 2004. Disponível em: [http://www.cca.eca.usp.br/politicas\\_publicas/sao\\_paulo/lei\\_educom](http://www.cca.eca.usp.br/politicas_publicas/sao_paulo/lei_educom). Acesso em: set. de 2018.

SÃO PAULO. **Decreto municipal Nº 46.211**, de 15 de agosto de 2005. Disponível em <2005http://www.usp.br/nce/wcp/arq/boletimextra.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2019.

SÃO PAULO. **Portaria Municipal nº 5.792**, de dezembro de 2009. In: [http://www.cca.eca.usp.br/politicas\\_publicas/sao\\_paulo/portaria\\_5792](http://www.cca.eca.usp.br/politicas_publicas/sao_paulo/portaria_5792)

SOARES, Ismar de Oliveira. A Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adílson Odair (org); COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. Coleção Educomunicação.

\_\_\_\_\_. **A Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil**. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 1, p. 07-24, jan/jun 2018. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/144832/140322>>. Acesso em: 30 de setembro de 2018.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. Eticidade, campo comunicacional e mídiatização. In: MORAES, Dênis de (org). **Sociedade Mídiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOUZA, Suyanne Tolentino. Metodologia de projetos e atividades educomunicativas na formação do professor. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 1, p. 93-105, jan/jun 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/141024/140330>>. Acesso em: 30 de setembro de 2018.

## APÊNDICE – Entrevistas

Este questionário tem por objetivo conhecer a perspectiva docente quanto à importância e efetivação da educomunicação no ambiente escolar municipal de São Paulo. As informações aqui relatadas objetivaram subsidiar um trabalho de conclusão de curso de pós graduação em Gestão de Projetos Culturais do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura (CELACC) da Universidade de São Paulo. Esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, sendo preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim, sua privacidade.

Pesquisadora responsável aluna de pós graduação: Carina Aparecida Leite (professora de ensino fundamental I e de artes na rede municipal de São Paulo).

Unidade escolar onde atua:	
Docente 1	Emef Profª Philó Gonçalves dos Santos
Docente 2	EMEF Professora Marili Dias
Docente 3	Emef Professora Milena Benedicto
Docente 4	Emef Professora Milena Benedicto
Docente 5	EMEF Paulo Prado
Docente 6	EMEF Dr. José Kauffmann
Docente 7	EMEF Dr. José Kauffmann
Função exercida na escola:	
Docente 1	Professor orientador de informática educativa
Docente 2	Professor de Ensino Fundamental II
Docente 3	Professor orientador de informática educativa
Docente 4	Professor de Ensino Fundamental I

Docente 5	Professor orientador de informática educativa
Docente 6	Professor orientador de informática educativa
Docente 7	Professor de Ensino Fundamental II
Qual sua formação:	
Docente 1	Ciências Biológicas
Docente 2	Bacharelado em Geografia e Licenciaturas em Geografia e Pedagogia
Docente 3	Superior completo em história
Docente 4	Pedagogo
Docente 5	Graduação: Pedagogia e Pós Graduação em Psicopedagogia
Docente 6	Estudos Sociais – Geografia
Docente 7	Licenciatura em Arte – Teatro
Quanto tempo trabalha com tecnologias da informação/ comunicação/ educomunicação na escola? Como e por que se interessou por essa área?	
Docente 1	Nessa escola trabalho há um ano, porém venho de outra escola na qual trabalhei por 8 anos. Me interessei por essa área por gostar de lidar com as tecnologias da informação e pela oportunidade de aprender e ensinar novos conceitos e práticas relacionadas a essa área.
Docente 2	Trabalho a 5 anos com o projeto de Imprensa Jovem. Me interessei por essa área por entender que o jovem é capaz não apenas de reproduzir as informações que recebe passivamente, mas também de produzir informação e conteúdo de qualidade.
Docente 3	6 anos. O interesse foi por conta do acúmulo com a rede particular onde os horários coincidiam, a função de POIE acabou proporcionando uma flexibilidade maior.
Docente 4	Trabalhei por 5 anos como POIE, entre 2013 e 2017. Me interessei pela função por ter conhecimentos básicos em informática, e poder conhecer um pouco mais sobre a área.

Docente 5	Estou como POIE há 3 anos, mas o interesse em usar as tecnologias da informação já faziam parte do meu universo de Educação desde o trabalho com a Educação Não Formal.
Docente 6	09 anos. Para ampliar a capacidade de formação dos alunos.
Docente 7	Trabalhei com o projeto imprensa jovem na escola durante oito meses. Comecei o projeto pelo interesse dos próprios alunos em utilizar as mídias sociais e também por ver nesse projeto um espaço de comunicação e expressão dos estudantes.
Considerando a presença e força midiática na sociedade brasileira, na sua perspectiva, qual a importância dos meios de comunicação, das tecnologias da informação e das práticas educacionais no ambiente escolar?	
Docente 1	Os meios de comunicação e as tecnologias da informação tem a importância de trazer conhecimento e informação até as pessoas no ambiente escolar. A escola também é importante para ensinar o aluno a lidar com essa informação de maneira crítica e responsável, e não simplesmente como um espectador e compartilhador.
Docente 2	A educacional representa uma alternativa a pasteurização da informação reproduzida em larga escala pela grande mídia. Contribui incisivamente para que o jovem seja protagonista por meio do desenvolvimento de uma postura crítica e ativa no mundo.
Docente 3	As novas tecnologias de informação e comunicação ampliaram imensamente a possibilidade de um desenvolvimento humano mais eficaz, isto porque, diferente dos antigos meios de comunicação que apresentam um rígido controle do conteúdo e da forma das informações, diferente disto, com a internet a busca de informações tornou-se mais ativa. Entretanto, apenas esta característica das novas TICs por si só não garantem uma busca de informações mais libertadora, cabe à escola e suas práticas educacionais agir neste ponto para potencializar o uso destes novos recursos.
Docente 4	Os meios de comunicação (rádio, tv, internet, redes sociais) tem função importante como meios de informar a sociedade.  No ambiente escolar, percebemos uma maior presença da internet e redes

	<p>sociais, que se utilizadas com objetivos claros e integradas as disciplinas auxiliam e favorecem a aprendizagem no ambiente escolar.</p>
Docente 5	<p>Se pensarmos que a Educação está para a formação protagonista e crítica do nosso educando, é preciso que as práticas sejam de uma leitura social em suas diversas manifestações. A Comunicação em suas diferentes formas de se apresentar precisa ser tema que perpassa a prática e a reflexão tanto das leituras do que elas apresentam quanto das possibilidades de utiliza-las como recurso de e Ensino Aprendizagem.</p>
Docente 6	<p>O desenvolvimento social pós moderno, bem se fundamentando no aumento dos recursos tecnológicos digitais na comunicação . Assim as práticas educacionais devem possibilitar a alfabetização crítica digital para favorecer a formação do indivíduo , estudante , e possibilitar as transformação social em pro de todos.</p>
Docente 7	<p>É de extrema importância por gerar autonomia nos estudantes. Criam-se novas formas de comunicação, pesquisa e diálogo que possibilita ao aluno aprender e desenvolver novas capacidades por meio de ferramentas que já são familiares a eles como aplicativos e plataformas de vídeo como youtube.</p>
<p>As formações continuadas ofertadas pela rede municipal de São Paulo relacionadas a educomunicação suprem as demandas do cotidiano escolar?</p>	
Docente 1	<p>Não. Está muito difícil se inscrever nos cursos de formação. As vagas esgotam em poucos minutos.</p>
Docente 2	<p>Existem formações adequadas e de qualidade na rede, mas seu acesso é por vezes prejudicado devido as extensas jornadas de trabalho dos professores ou ainda pelo número limitado de vagas disponibilizadas para os cursos.</p>
Docente 3	<p>Afirmar que sim seria um exagero, haja visto proporcionalmente ao grau de enriquecimento que as TICS possibilitam para a educação, elas criam uma série de novos problemas para a sociedade. No entanto, a afirmação negativa seria uma grande injustiça com algumas ações positivas desenvolvidas nos últimos anos pelas equipes responsáveis pela área de tecnologia da SME.</p>

Docente 4	<p>A maioria das formações ao qual pude acompanhar, tinham como objetivo a troca de experiências entre os diversos POIEs (Professor de Informática Educativa), além de apresentar alguns dos vários programas (aplicativos) instalados nos PCs utilizados pelos alunos.</p> <p>Tive a oportunidade de realizar algumas formações opcionais, bastante úteis para os demandas atuais, como Noções básicas em Linguagem de Programação e Robótica.</p>
Docente 5	<p>Penso que apenas as formações não suprem, já que o Projeto Educomunicação é muito mais amplo do que um laboratório de informática. Assim, é necessário apoio técnico para efetivo trabalho para além dos computadores.</p>
Docente 6	<p>As formações estão atreladas as orientações do projeto políticos de plantão o que no meu entender prejudica as prática educacionais.</p>
Docente 7	<p>Acredito que não, o aprendizado sempre se dá de maior forma na prática cotidiana na escola. Os cursos oferecem algumas técnicas mas a organização sempre exige pesquisa e conhecimento por parte do professor-orientador.</p>
<p>O espaço e tempo direcionado às práticas educacionais na escola são adequados às necessidades de discentes e docentes?</p>	
Docente 1	<p>Depende da organização de cada escola. Na escola em que estou há algumas dificuldades, pois muitos tem acesso ao espaço e não colaboram com a manutenção da organização dos equipamentos.</p>
Docente 2	<p>O espaço se torna cada vez mais um desafio para a prática da educomunicação nas unidades escolares, sobretudo nas comunidades mais afastadas do centro da cidade no qual ha uma grande carência no oferecimento de equipamentos públicos, o que por sua vez provoca uma grande demanda de atividades diferenciadas nas unidades, gerando uma grande concorrência por espaços.</p> <p>A ampliação e o acesso das tecnologias móveis contudo, tem contribuído para mitigar esse problema.</p>
Docente 3	<p>As mudanças pelas quais a sociedade passou nestas últimas décadas foram muito intensas e desestabilizadoras no sentido de criar,</p>

	<p>sincronicamente, um sentimento de euforia e desespero. A escola, assim como tantas outras áreas da sociedade, têm dificuldade em acompanhar estes fenômenos. Tempo e espaço na escola são conceitos latentes que devem ser pensados e readequados para além da esfera educacional que, no momento, está aquém das necessidades educacionais.</p>
Docente 4	<p>O tempo é bastante limitado, apenas uma aula semanal, insuficiente para uma sequência de trabalho satisfatório.</p> <p>Para os professores de todas as disciplinas, é fundamental que a SME ofereça formações em serviços para todos os profissionais, pois há uma enorme dificuldade dos professores que trabalham nas escolas há muito tempo e não tinham na época de formação toda essa demanda tecnológica.</p>
Docente 5	<p>Parcialmente. Efetivamente necessitamos de um espaço maior de discussão e reflexão em nossa escola, especificamente.</p>
Docente 6	<p>O espaço e tempo destinados ao desenvolvimento de atividades educacionais nas escolas da Rede Municipal de Educação da Cidade de São Paulo são precarizados tanto quanto outras matérias da matriz curricular provocando ao docente na maioria das vezes uma ação pulverizada no âmbito escolar.</p>
Docente 7	<p>Não, assim como muitas outras práticas dentro do ambiente escolar, falta tempo, espaço e equipamentos adequados para desenvolver projetos de educação.</p>
<p>Na sua opinião, quais os avanços e desafios na efetivação dos direitos de aprendizagem relacionados à educação na escola?</p>	
Docente 1	<p>Muito se avançou desde o início, quando muitas rádios escolares surgiram, porém não percebo uma grande movimentação envolvendo a Educação nas escolas. Os desafios são retomar os projetos e ampliar os cursos de capacitação aos professores que ainda não fizeram, pois alguns fazem o curso novamente e tiram a oportunidade e a vaga de alguém que não fez.</p>
Docente 2	<p>Um importante e decisivo avanço para a prática da educação nas escolas foi a aprovação da lei que regulamenta a sua prática em nossa rede, oficializando a imprensa jovem como uma política pública em nossa cidade. Os maiores desafios estão ligados mesmo às questões materiais de</p>

	infra-estrutura, formação e espaço.
Docente 3	Devemos não perder de vista que a prefeitura de São Paulo foi de um pioneirismo singular ao incorporar a educomunicação ao ensino municipal ainda na década de 80 (talvez o conceito não existia nessa época, mas a idéia já estava posta). Entretanto, por motivos que escapam da área de educação, houveram descontinuidades que limitaram o alcance de várias ações. Não devemos perder de vista esta trajetória pra melhor compreender o atual momento da educomunicação na rede, a formação continuada em horário de trabalho é um avanço extremamente importante para tentar sincronizar as ações pedagógicas com as rápidas transformações, estas últimas, por si só, já seriam desafios enormes, não bastasse isto, alá umas ações políticas, como a reorganização dos laboratórios de informática e das salas de leitura podem ser descritas como as descontinuidades que tanto limitam os difíceis avanços.
Docente 4	Na última década em especial, houve aumento gradual em relação a percepção dos direitos de aprendizagem. Mas as escolas ainda possui muitas demandas. Como dito anteriormente para garantir esses direitos, a oferta de formação em serviço é muito importante, pois só a troca de computadores, por Notebooks e Tablets, Wi-Fi, etc... é insuficiente se os profissionais não saberem utilizar os equipamentos.
Docente 5	Os avanços tem sido as possibilidades de formação, porém o grande desafio tem sido a estrutura que se coloca a disposição na escola e também a organização de tempo na atuação direta dos professores no espaço escolar para a efetivar os projetos de Educomunicação. Um outro avanço foi a discussão de um currículo para as Tecnologias da Aprendizagem, que contemplam parcialmente a comunicação também.
Docente 6	Avanços considero a instituição da existência de possibilidades de aprendizagem educacionais. Os desafios e garantir os recursos institucionais para desenvolvimento e manutenção da educacionais no currículo escolar.
Docente 7	Aprender a utilizar a ferramenta da internet da melhor forma possível é sempre o maior desafio para todas as gerações.